# O UNO E OS MUITOS NA CONCEPÇÃO ISRAELITA DE DEUS

**A. R. JOHNSON**

**Tradução de Daniel Sotelo**

**GOIANIA, junho DE 2003**

## INDICE

**H W ROBINSON: A PERSONALIDADE CORPORATIVA NO ANTIGO ISRAEL**

## A R JOHNSON: O UNO E OS MUITOS NA CONCEPÇÃO ISRAELITA DE DEUS NO ANTIGO ISRAEL

## PREFÁCIO

A pergunta regular que se faz muito para me encorajar, e que a editora da Universidade de Gales continua a receber de vários especialistas para a questão desta obra esgotada se faz necessário para eu oferecer uma apologia e para deixar ser sempre fora de mim uma forma de pressão. O fato é que tenho esperado para incorporar o argumento destas páginas a não ser uma longa monografia que teve o título.

"*O Único Santo de Israel*". Mas, tenho tornado a minha atenção para a qual a revisão ou aumento de outras monografias desta série, eu tenho decidido que é próprio para muitos leitores que reproduzam e que uma vez esta monografia teve uma forma original virtual. Isto significa que tenho somente feito poucas mudanças, se no corpo da obra onde notas de rodapé, e a mudança são sempre todas confinadas para uma tentativa de trazer a produção como um todo ou no fechar a conformidade com a última monografia na série especialmente em que esta é a forma revisada. A mesma razão desta edição teria sido providenciada como coincidiu, ao que corresponde a: "*Reino Sagrado no Antigo Israel*".

Fica claro que, tenho sempre dito que nada tem sido feito para trazer as notas de rodapé atualizadas. Mas, com o importuno na última tentativa para a primeira edição, os leitores podem consultar J. P. Hyatt. The Treatment final Vowels in Early Neo-Babylonian (*O tratamento das vogais finais no Neo Babilônico Antigo*), 1941, na conexão com o

argumento destas páginas estão completas sempre, como parece a mim, os dois tratamentos destes fatores estão sob consideração e pode ser lembrado como suplementar. Neste caso o argumento geral de minha monografia permanece inalterado.

Quero agradecer aos meus amigos e alunos em formação: o Reverendo. C. G. Williams por sua ajuda na leitura das provas e checando os índices. Também tomo esta oportunidade de colocar em lembrança uma vez mais meu sentido de dívida a Editora da Universidade Oxford pelo cuidado que é dado assim uniformemente e assim caracteristicamente para sua produção.

**A. R. Johnson**

*Cardiff. Junho 1960*

## ABREVIAÇÕES PRINCIPAIS

| | |
|---|---|
| AO | Archiv fuer Orientforschung |
| BZAW | Beiheft zur Alttestamentlicher Wissenschaft |
| CAH | Cambridge Ancient History |
| CB | Cahier Biblique |
| E | English |
| ET | English Translation |
| GK | |
| HAT | HandKommentar zum Alten Testament |
| ICC | International Critical Commentary |
| J | Jewish |
| JTS | Journal Theological Studies |
| KAT | Kommentar zum Alten Testament |
| S | |
| P | |
| RAAO | |
| RB | Revue Biblique |
| RHR | Revue Histoire Religieuse |
| SV | |
| V | |
| ZAW | Zeitschrift Alttestamentliche |
| ZDMG | Zeitschrift Deutsche Morgen |

## A R JOHNSON: O UNO E OS MUITOS NA CONCEPÇÃO ISRAELITA DE DEUS (1)

Introdução

Para convivência de apresentação deste breve estudo: ele é dividido em três partes com uma divisão maior entre a parte I e II, II. Na parte I: aqui é oferecido um ensaio breve da concepção Israelita do homem, e nas partes II e III é usado como tentativa de elucidar a concepção Israelita de Deus.

## PARTE I A CONCEPÇÃO ISRAELITA DO HOMEM

As pesquisas de P. E. Dhorme (3) e de J. Pedersen (4) e H. W. Robinson (5) tem revelado o fato de que o pensamento psíquico Israelita tem as funções como base física, e que o homem é concebido, não em amostra analítica como “alma” e “corpo”, mas sinteticamente como um todo psíquico. Isto é comumente assumido por citar a narrativa J da Criação, que nos diz como YWWH הוהי primeiro modelou o homem da terra ou da pedra e então soprou nele a forma de sua figura, e assim ele se “tornou um ser vivo” – nefesh (6) שפנ. Em ambas versões Atualizada e Revisada: “nefesh”שפנ é aqui traduzida por “alma”; mas isto traz um erro que sugere a dicotomia como que acha na antiga ênfase do mito Órfico e a filosofia Platônica (7). O termo nefesh שפנ é obviamente usado a indicar, não algo concebido como uma (mais que o superior) parte do ser humano, mas a normalidade completa como uma manifestação unificada do poder vital; ele representa o que J. Pedersen tem chamado de “forma de uma completude” (8).

Que mais, este poder é pensado para dar além do mero contorno ao corpo, e denota este fator que será a ajuda a seguir de L. Levy-Bruhl (9), neste uso ao dizer a expressão de J. van Wing no estudo da tribo Bakongo (10). Assim, podemos dizer que o homem é pensado a possuir uma “*extensão*” definida da personalidade que é capaz de exercer uma influência sutil do bem ou mal dentro da comunidade. Neste aspecto positivo ou beneficente este poder é conhecido como

“*bênção*”, que é em seu aspecto negativo e mal eficiente que estende a personalidade faz sua influência como *“maldição*” (11).

Neste caminho, a palavra falada pode lembrar como uma “*extensão”,* efetiva da personalidade (12). O exemplo óbvio é que Isaque que tendo abençoado Jacó é incapaz de retratar suas palavras e anular seu afeto a favor do direito de Esaú; uma vez que o ato de cumprimento é uma amostra de um material já estava pronto (13). É claro que, uma mesma história, várias palavras em seu traço, assim é que nem toda palavra pode ser lembrada como uma “*extensão”* da personalidade; cada um depende da ocasião, o grau de poder vital de que, o idioma inglês tem isto, ele coloca *“alma*” nisto que se diz. Então, Isaque tendo colocado sua “*alma*” no abençoar de Jacó, pode só expressar que praticamente a maldição está sobre Esaú.

O valor descreve a palavra como uma “*extensão”* da personalidade tem como paralelo fechado na importância similar acrescentado ao nome (14); e ele coloca uma das maiores amostras, ter sido uma das últimas concepções desta espécie (15). Assim para os Israelitas, quando o tempo vem para que a dissolução da personalidade que é conhecida como morte, é neste particular “*extensão”* que pode ser continuar a viver mais poderosamente.

Assim, a exterminação do nome é lembrada como o grande desastre que pode cair sobre o homem, e várias medidas são adotadas para preservar sua memória. A necessidade do homem para oferecer para seu propósito particular a encontrar a expressão típica na legislação provendo assim o chamado casamento do levirato, que deixa abaixo e que se um homem pode matar os filhos e ter sua mulher (16).

> *“Pode não se casar sem ser um estranho: o irmão de seu marido pode ir a ela e tomá-la como esposa e entrar assim no levirato em matrimônio com ela; e o primeiro filho ela deverá mantê-lo com o nome do seu irmão morto, assim que este nome poderá ser pode não ser lançado fora de Israel”.*

Por esta razão, Absalão erige um pilar (poste) perto de Jerusalém, e é expressamente dito que adotou este método porque ele tem não (sobrevivido), porque não tem um filho e assim não tem perpetuado o seu nome (17). O mesmo ponto de vista que é revelado por Bildade quando assim descreve o destino último do mau:

> *"Não terás filho nem posteridade entre seu poço, nem sobrevivente algum ficará nas suas moradas. Da luz o lançarão nas trevas e o afugentarão do mundo. A sua memória desaparecerá da terra e pelas praças não terá nome".*

O último ponto deve ser para introduzir um aspecto da concepção Israelita do homem que é de primeira importância para o estudo presente. Ele chama o fato que (no caminho todo e na linha que é a mostra de uma totalidade) uma personalidade do homem é pensado como estendendo através de uma casa תיב; isto é, casa da família. O pai é claro, é o chefe. E a próxima ordem de importância é a alternativa da mulher (ou mulheres), e os filhos, então os filhos das mulheres e as filhas (18). Como é claro na casa de Acã (19), como que, as fortes solidariedades para poder existir dentro de tal unidade social são também pensadas para entender o todo da propriedade, assim que a casa familiar em sua completude é lembrada como um todo fascínio – a extensão da personalidade do homem como o chefe.

Uma conseqüência de importância é colocada neste caminho para os membros de uma casa da família como "*extensão*" da personalidade pode ter sido em que o fator do estilo Hebreu que pontua para o que é chamado de uma oscilação como entre a concepção de ןודע adon – o senhor ou mestre da casa família, e que de um servo (como tal uma extensão de sua personalidade do mestre) como ato do seu agente, notável como ךלמ ou mensageiro. Uma é o ponto para ser

encontrado na estória do sentimento de José com seus irmãos no Egito: isto é (19).

*"Quando eles saíram da cidade, e não foram longe, José saiu neste seu local, seguiria após o homem; e quando o tomaram e disse a eles, onde tem a recompensa do mal com o bem? Não é isto em que, meu senhor, bebeu, e então ele adivinhou? Temos feito o mal em todas as coisas. E o tomou, e ele falou estas palavras. E disse então a ele, onde falaram, meu senhor, tais palavras assim? Para que seus servos façam estas coisas. Então, o dinheiro, que encontramos nas bocas das sacolas, trouxe de novo a ti para a terra de Canaã: como eles tem ainda dado a casa do senhor prata e ouro? Então os teus servos encontraram, os levarei a morte, e então eles serão servos de meu senhor".*

A última referência, como se esperava e como seqüência desta mostragem (20), pode virtualmente ser para José, sempre que estas palavras endereçadas para seu servo; mas o servo mesmo, como extensão da personalidade de seu servo, é capaz de dizer (no nome de José, assim para falar) (21):

> *"Agora é para ser conforme as suas palavras: ele com o que é encontrado será meu servo, e será sem personalidade".*

Através da agência do servo de José é lembrado como de estar presente – em pessoa. Em resumo, maleach **ךלמ** (mensageiro), como uma extensão da personalidade de seu mestre, não representa só mas é virtualmente o <u>adon</u> ןודע (Senhor). Isto aparece cada vez mais claro, talvez, na passagem seguinte da estória de Jeftá (22):

> *"E Jeftá enviou mensageiros maleachim (**םיכלמ**) ao rei dos filhos de Amon, dizendo, que tenho eu feito a ti, que tu vens invadir a minha terra? E o rei dos filhos de Amon responde aos mensageiros de Jeftá: Porque Israel*

> *tomou caminhos por minha terra, quando ele veio do Egito, de Amon ao Jaboque perto do Jordão, agora restaura tua paz”.*

Então envio dois mensageiros de Jeftá, como José, é lembrado como de estar presente – em pessoa. Em outras palavras, os maleachim םיכלמ (mensageiros), como extensão da personalidade de seus mestres, é tratado como ser atualmente e não meramente como representante de seu senhor adon (23) ןודע.

No mesmo modo qualquer parte de uma propriedade é pensada na forma de uma *“extensão*” da personalidade. Então, quando Elias envia seu servo Geazi a pôr seu grupo, que foi usado para ser um instrumento para restaurar a vida do filho da Sunamita, ele vê contra o abençoar qualquer um que ele possa encontrar.

Ao levar o grupo Geazi é forçado pela personalidade de Elias. E conforme ele foi preservar seu poder intacto e não retorna o risco de perdê-lo, e a perder junto, por levá-los após as coisas que não foi tentado (24). Esta forma, sem dúvida, é algo excepcional.

Mas que é por causa de Elias que foi uma pessoa poderosamente excepcional (25). Em variando de graus o mesmo princípio foi bom para qualquer indivíduo, assim que foi nada mais ou menos que a amostra de uma personalidade. Assim, um dom é algo chamado como “*benção” –* e inevitavelmente assim, para envolver a transferência de um poder individual, de um poder vital como muito, e talvez mais do que, a palavra falada.

Conforme a irmã de Calebe diz a seu pai: “*daí - me a tua bênção”,* ele a apresentou com a aparência de poço ou tanque (26). Sobre o mesmo principio, quando Acã mesmo violou o tabu que teria sido deixado no espólio tomado na captura de Jericó e assim traz virtualmente uma maldição sobre a comunidade, medidas médias para erradicar este veneno com o soro do corpo social foi dirigido, não só

contra a figura do réu imediato, mas também contra seus filhos, filhas, bois, asnos, carneiros, tendas, e de fato tudo que ele possuía (27).

Segundo, o pensamento Israelita pensa no individual, como um nefesh שפנ ou centro de poder capaz de extensão indefinida, é única, uma mera unidade isolada; ele vive em constante reação em direção aos outros. Mais, a última que dá em suas classes, então como qual ele é colocado dentro de uma esfera da unidade social extensa ou grande "**eu**" e que é fora desta esfera (28): e de novo pode ver a evidência de segurar a totalidade, para do primeiro ao último na obra destas escolas diferentes de pensar que tal está nas Escrituras Hebraicas, a concepção da unidade social é dominada pelo parentesco; ele governa como o tratamento da história geral, como representado pelo contexto das narrativas patriarcais, e que da história particular de Israel.

O núcleo da unidade social ou o grupo de parentes é a casa **אב תיב** da família, que (como temos observado) é um representante físico e a extensão da personalidade de um homem que é o chefe. Então, o parentesco estende além das margens da casa família, e que é reconhecida na forma de um todo físico. Este fato tem sido familiar nas obras de S A Cook (29) e H. W. Robinson (30) e de J. Pedersen (31): mas o mais importante para o desenvolvimento da tese do escritor com certo fator preponderante pode ser assim chamado (32). Para continuar então: a unidade social ou o grupo de parentes, como que sempre concebido é igual a *nefesh* ou "*pessoa*" – como que H. W. Robinson tem chamado de "**corporate personality**" (personalidade corporativa) (33).

Assim, a não satisfação dos Israelitas durante o período de caminhada no deserto é expresso por dizer que *nefesh* (34) do povo foi se formando impacientemente. E eles estão representados como vozes de sua impaciência assim: "*Nossa nefesh está enferma deste alimento*

*maldito"* (35). Exemplos desta espécie, que pode ser multiplicado (36), serve para explicar o fato que qualquer associação de indivíduos de homogeneidade, tal como e círculo confederativo de Jeú (37) e dos infiéis (38) ou cada (será a ocasião para noticiar de novo depois) a Babilônia e seus panteões (39), podem ser tratados como um grupo de parentes formando uma simples *nefesh* ou personalidade corporativa.

Em mesmos caminhos é dito que os Israelitas que, após as suas forças terem sido colocadas para passar em Ai seu coração (40), derrete e torna como água (41). Assim, é dito de Davi que, tendo apelado para a lealdade do povo de Judá no grupo de parentesco como representado pela carne e osso comuns, eles inclinaram seus corações (42) de todos os homens populares de Judá como um só e único homem (43).

Esta concepção da caridade social ou grupo de parentes como uma personalidade corporativa encontra particularidade da expressão vivida, como que na passagem que, penso sentiu até a cidade da Filístia, obviamente reflete o ponto de vista Israelita. Nesta conexão como assim chamado após os filisteus capturarem a Arca, eles encontram o exercício de sua influência desastrosa em seu meio. E conforme isto foi de cidade em cidade como que tudo sendo uma influência do hóspede bem-vindo. Então ele vem de Ecrom. Então a narrativa Hebraica pitoresca lembrança que garante consternação como se segue (44):

I Sm 5.10:

> *"Então, enviaram a arca de Deus a Ecrom. Sucedeu, porém, que, vindo a arca de Deus a Ecrom, os de Ecrom exclamaram, dizendo: Transportaram para nós a arca do Deus de Israel, para nos matarem, a nós e ao nosso povo."*

Aqui a cidade é como formato de um grupo de parentes e é claramente representado como uma personalidade corporativa, e tal

uma instância vivida capaz de compreender como a cidade Israelita, tal como que Abel, pode saber a “mãe de Israel” (45).

De novo, na estória da caminhada Israelita pelo deserto, por exemplo, encontra uma concepção similar da unidade social em algo mais na escala extensiva, quando lê (46):

Nm. 21.1-3:

> *1.“Ouvindo o Cananeu, o rei de Arade, que habitava para a banda do sul, que Israel vinha pelo caminho dos espias, pelejou contra Israel e dele levou alguns deles por prisioneiros.*
> *2. Então, Israel fez um voto ao SENHOR, dizendo: Se totalmente entregares este povo na minha mão, destruirei totalmente as suas cidades.*
> *3. O SENHOR, pois ouviu a voz de Israel e entregaram os cananeus, que foram destruídos totalmente, eles e as suas cidades; e o nome daquele lugar chamou Horma.*

Na luz de tais exemplos podemos entender a atração da teoria (assim ligado para a ênfase) que “*a narrativa de Gênesis apresenta, não com personagens históricas, reais, mas com personificações” (47).* Assim, também, é pouco maravilhoso que tenta ter sido feito intérprete o “*Eu*” de muitos Salmos em termos de tal unidade coletiva (48).

Então, pode ser noticiada ao pensar que este ponto de vista não é peculiar com lembranças em Hebraico. Aparece também nos tabletes Tell-El-Amarna no melhor modo que a cidade de Ikarta a Faraó, diz (49):

> “*Esta tabuinha é os tabletes de Ikarta (5 D). Ao rei, nosso senhor, assim (diz) Ikarta e o seu povo ... (?): Aos pés do rei, nosso senhor, 7 V, 7 vezes antes de cair. Ao nosso senhor, o sol, assim (diz) Ikarta: Dê o coração ao rei, o senhor, conhece que guardamos Ikarta para ele.”*

> *“Pode o rei, nosso senhor, ouvir as palavras de seus servos fiéis, e dá um presente a seu servo, que nossos amigos vejam o fim e comam bem”.*

Os paralelos com as passagens são estranhos ao estilo do Hebreu e é assim fechado que em sua carta pode não parecer requerer comentários posteriores. Então os tabletes têm como interesse adicional em que ele introduz outro aspecto da concepção da unidade social que é de primeira importância na conexão presente. Isto aparece na última sentença dada acima, isto é:

> *Pode o rei vosso senhor, ouve as palavras de seu servo fiel, e dá um presente para seu servo, que vossos inimigos vejam e comam bem”.*

Aqui é obvia a indicação de uma oscilação na mente dos escritos conforme ele pensa como unidade social em questão é como uma associação de indivíduos (e assim usa o plural *‘servos*”) ou como uma personalidade corporativa (e assim usa o singular “*servo”)* (51); e tal oscilação como lembrar a unidade social pode freqüentemente ser encontrado no pensamento Israelita. Isto aparece mais claramente, talvez, no relato colorido da tentativa dos Israelitas a pensar por Edom no seu caminho à Terra Prometida. Ele diz assim (52):

Nm. 20.14-21:

> *14. Depois, Moisés desde Cades mandou mensageiros ao rei de Edom, dizendo: Assim diz teu irmão Israel; Sabes todo o trabalho que nos sobreveio;*
> *15. Como nosso pais desceram ao Egito, e nós no Egito habitamos muitos dias; e como os egípcios nos maltrataram, a nós e a nossos pais;*
> *16. E clamamos ao SENHOR, e ele ouviu a nossa voz, e mandou um anjo, e nos tirou do Egito; e eis que estamos em Cades, cidade na extremidade dos teus termos.*
> *17. Deixa-nos, pois, passar pela tua terra; não passaremos pelo campo, nem pelas vinhas, nem beberemos a água dos poços; iremos pela estrada real;*

*não nos desviaremos para a direita nem para a esquerda, a te que passemos pelos teus termos.*

*18. Porém Edom lhe disse: Não passarás por mim, para que, porventura, eu não saia à espada ao teu encontro.*

*19. Então, os filhos de Israel lhe disseram: Subiremos pelo caminho igualado, e, se eu e o meu gado bebermos das tuas águas, darei o preço delas; sem fazer alguma outra coisa, deixa-me somente passar a pé.*

*20. Porém ele disse: Não passarás. E saiu-lhe Edom ao encontro com muita gente e com mão forte.*

*21. Assim, recusou edom deixar passar a Israel pelo seu termo; pelo que Israel se desviou dele.*

Aqui a oscilação no pensar entre a concepção da unidade social como uma associação de indivíduos (com o resultado do uso da forma do plural) é claro. É assim, algumas vezes revela oscilação similar quando temos a ocasião, por exemplo, pensar de um convite. Mas pensamos que não é dominado por este ponto de vista que os Israelitas parecem ter sido. O livro de Dt é claro, é completamente sob sua influência (53), quando é reconhecido e vê como foi precária a tentativa de W. Staerk (54) e de C. Steuernagel (55).

E leva em si uma análise deste livro baseado na grande medida sob a flutuação entre o singular e o modo plural de endereço (56). Então não mais é na possibilidade de ter no texto como criticismo literário no desejo para a segura coerência “*lógica*” freqüentemente estranha ao pensar Israelita (57). O criticismo textual é tido realmente como um real perigo no caso dos Salmos, onde, H. W. Robinson tem colocado fora (58), tal oscilação ou fluidez de referência e como tem sido noticiado de sua ocorrência freqüente (59). Finalmente, tanto para H. W. Robinson (60) como para Otto Eissfeldt (61) que tem feito um avaliável uso de suas concepções para ajudar a elucidar o problema oferecido pela figura do Servo JHWH em Is. 40.55.

Assim para resumir (com uma ênfase nas extensões da personalidade), podemos dizer que a concepção Israelita do homem que foi para difundir que Heráclito pode ter sido falado em Hebraico, aliás, do que em Grego temos que foram ditos (62):

> *"Através de teu modo de ser, pode não descobrir as fronteiras da alma; e assim o seu profundo significado".*

## PARTE II. A CONCEPÇÃO ISRAELITA DE DEUS NO ANTIGO ISRAEL (I).

Em conformidade com esta visão, aprovado pela escola P, que o homem foi feito à imagem de Deus (63), podemos agora explicar algo de que sabemos sobre a concepção Israelita de homem para uma elucidação da concepção correspondente de Deus.

Nas antigas porções das Escrituras Hebraicas, notavelmente na narrativa J como na estória da Criação (64) ou no relato de Moisés (65), YHWH é concebido em forte mostra antropomórfica; é isto na contrapartida nas referências antropopática continuada, em que as funções físicas de uma emocional, volitiva/ ou uma espécie intelectual e descrita a YHWH, quando Ele é dito a ser compaixão e misericórdia (66), amor (67) e o destino (68), a angústia (69) – e assim por diante (70).

Podemos noticiar uma vez mais; como que, uma distinção de primeira importância entre a concepção do homem e de Deus: Para nosso caminho não pode dizer da última (foi dito antes) que a função psíquica tem uma função física; ou, ao menos, podemos fazer que, ao mesmo tempo tem o termo "psíquico" o mesmo conteúdo em cada caso. Assim nas últimas lembranças YHWH, penso sem dúvida a figura

na forma de um homem, foi assim pensado como que ser de uma deferente substância do último.

De fato, parece que Ele foi normalmente concebido (como em Ez. explicitamente descreve-O em virtude de sua própria experiência) (71) em termos da luz e vara substância mais bem explicada como o “fogo”; e como pode comparar os carros e cavalos de fogo que aparecem a Elias e suas estórias como instrumento do poder de YHWH (72). O ponto de vista é resumido a nós, é claro, em Isaías bem sabido no oráculo contra estes homens que vem do Egito para ajudar contra a Assíria (73):

Is. 31.1-3:

> 1. Ai dos que descem ao Egito a buscar socorro e se estribam em cavalos! Têm confiança em carros, porque soam muitos, e nos cavaleiros, porque são poderosíssimos; e não atentam para o Santo de Israel e não buscam ao SENHOR.
> 2. Todavia, também ele é sábio, e fará vir o mal, e não retirarás as suas palavras; ele se levantará contra a casa dos malfeitores e contra a ajuda dos que praticam a iniqüidade.
> 3. Porque os egípcios são homens e não Deus; e os seus cavalos, carne e não espírito; e, quando o SENHOR estender a mão, todos cairão por terra, tanto o auxiliador como o ajudado, e todos juntamente serão consumidos.

A descrição é aqui feita explícita (74); para o paralelismo, junto com as ilustrações, certamente foi dito que YHWH, como nas forças celestiais sob seu controle, difere de fazer com o ser de umas substâncias rarefeitas “*como fogo*” e em resumo ruah ou “Espírito”, um termo que é reservado no caso do homem (ao menos no período antigo) a descrever mais manifestações vigorosas de vida em sua parte, especialmente tais podem ser atribuídas à influência do Deus maior (75). Este ser o caso (e prove que somos cuidadosos a definir nossos

termos), podemos dizer que como concepção de Deus foi concernente, a funções psíquicas tem o “*espírito*” do que uma base física.

Como que, não é tudo, aqui pode lembrar mesmo que o pensar Israelita, como que o homem foi concebido, ano em algo de amostra analítica da “alma” e “corpo”, mas sinteticamente como todo psíquico e acuidade vital de poder, este poder foi encontrado para dar o contar no além do corpo e fazer mesmo na “*extensão*” indefinível da personalidade.

Agora a mesma idéia é a presente concepção do Deus chefe – notavelmente, em primeiro lugar, nesta noção real compreendida pelo termo ruah Temos então tocado no fato que qualquer manifestação não usual vigor que marcou o homem como o poder excepcional da personalidade, tal como a resolução de Gideão (76), o valor de Sansão (77), o comportamento infeccioso dos profetas antigos (78), ou as qualidades de um governo firme (79), pode ser atribuído à influência da ruah (como o espírito) de YHWH; mas, claramente, tal exemplo pode ser entendido em termos do “Espírito” como uma “*extensão*” da personalidade de YHWH é dito ter “*doado*” a Gideão (como um vestido) (80) ontem “*lançado*” sobre Sansão (81) ou sobre Saul (82), pode duramente ser dito e ter sido lembrado como uma força impossível.

Isto é importante na visão do fato que H. W. Robinson tem colocado (83), há só um certo modo na Escritura Hebraica em questão em que a ruah, na visão de Micaías, propõe ligar ou enganar na boca de todos os profetas de Acabe (84). Na luz da concepção Israelita do homem como, pode parecer que este ruah, como um membro da Corte celestial de YHWH (ou casa paterna), pode ser pensado como uma individualização dentro da corporação de ruah ou “*Espírito*” da personalidade extensiva de YHWH (85); em outras palavras, que pode ser preparada para reconhecer para o Deus chefe assim como a fluidez

da referência do <u>um</u> ao <u>muito</u> ou do <u>muito</u> ao <u>um</u> como tem noticiado no caso do homem.

Isto torna claro como procedemos. Assim, para o fundamento da completude em ter o argumento principal destas páginas, e é observada que como é obvio da concepção de Deus (ruah). Deus é pensado em termos similares para tal de um homem como possuir a extensão da personalidade que é capaz d'Ele de exercitar a influência maravilhosa da sua formação. Em seu aspecto criativo aparece como "*bênção*"; em seu aspecto destrutivo faz de si mesmo como uma "*maldição*" (86).

Assim é que (de novo como no caso do homem) a "palavra" pode lembrar como "Extensão" da personalidade de YHWH (87). Não para muito tempo deste ponto, podemos lembrar-nos a nós do familiar passagem (88):

Is 55.10:

> 10. Porque, assim como os céus são mais altos do que as terras, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos, mais altos do que os vossos pensamentos.

Estas linhas refletem que a concepção primitiva e estendida de poder para falar palavras que liga em muitas práticas mágicas (89); e lia uma boa razão para crer que, como os profetas em geral foram entendidos, esta concepção foi sempre, algo mais do que imaginação poética. Em fato, e todo em linha destas idéias mágicas que tem realmente sido reconhecidas como ligação do assim chamado simbolismo (90). A "*palavra*" dabar é uma coisa com "*coisa*" (dabar) que é, pena ser formada (91); tem a realidade objetiva, e assim forma uma "*extensão*" poderosa da personalidade divina.

No mesmo caminho o “*nome*” é uma “*extensão*” importante personalidade de YHWH análogo para que o observável no caso do homem. Assim é que o conhecimento o “*nome*” é um assunto de importância ritual, nome é claro em seu uso na bênção oficial sacerdotal, como preservado no código P (92):

Nm. 6.22-27:

22. E falou o SENHOR a Moisés, dizendo:

23. Fala a Arão e a seus filhos, dizendo: Assim abençoareis os filhos de Israel, dizendo-lhes:

24. O SENHOR te abençoe e te guarde;

25. O SENHOR faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha misericórdia de ti;

26. O SENHOR sobre ti levante o seu rosto e te dê a paz.

27. Assim, porão o meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os abençoarei.

YHWH comenta a ênfase nisto, como lembrança pelo código P, é para ser nota de:

“Assim, quando eles (os sacerdotes) coloquem o Meu “*Nome*” sobre os filhos de Israel, então “Eu” – primogênito e eu os abençoarei”

Uma ênfase similar sobre meu “Nome” ocorre mais do que uma vez no Sl; por exemplo, numa composição breve litúrgica cuja probabilidade vem do círculo dos profetas cúlticos (93):

SALMO 20

1. O SENHOR no dia da angústia; o nome do Deus de Jacó te proteja.

2. Envie-te socorro desde o seu santuário e te sustenha desde Sião.

3. Lembre-se de todas as tuas ofertas e aceite os teus holocaustos.

4. Conceda-te conforme o teu coração e cumpra todo o teu desígnio.

5. Nós nos alegraremos pela tua salvação e, em nome do nosso Deus, arvoraremos pendões; satisfaça o SENHOR todas as tuas petições.

6. Agora sei que o SENHOR salva o seu ungido; ele o ouvirá desde o seu santo céu com a força salvadora da sua destra.

7. Uns confiam em carros, e outros, em cavalos, mas nós faremos menção do nome do SENHOR nosso Deus.

8. Uns encurvam-se e caem, mas nós nos levantamos e estamos de pé.

9. Salva-nos, SENHOR! Ouça-nos o Rei quando chamarmos.

SALMO 54

1. Salva-me, ó Deus, pelo teu nome, e faze-me justiça pelo teu poder.

2. Ó Deus, ouve a minha oração; inclina o teu ouvido às palavras da minha boca.

3. Porque estranhos se levantam contra mim, e tiranos procuram a minha vida; não põem a Deus perante os seus olhos.

4. Eis que Deus é o meu ajudador; o SENHOR está com aqueles que sustêm a minha alma.

5. Ele pagará o mal daqueles que me andam espiando; destrói-os por tua verdade.

6. Eu te oferecerei voluntariamente sacrifícios; louvarei o teu nome, ó SENHOR, porque é bom,

7. Porque me livrou de toda a angústia; e os meus olhos viram cumpridos o meu desejo acerca dos meus inimigos.

Assim é esta frase "chamar com" (sobre 7) o nome de YHWH é a expressão técnica para denotar a observiência cúltica (93). Assim, também podemos entender como o código Dtr tem a ênfase coerente do santuário como "*o lugar que YHWH escolheu para colocar o seu nome ali*" ou o "*lugar com YHWH sem Deus pode escolher para deixar o seu nome no santuário*" *(94).*

Sempre tem sido dito para ilustrar o paralelo entre a concepção Israelita de homem e que de Deus obvio imediatamente a "*extensão*" da personalidade é preocupante. Nosso estudo da concepção do homem, como que, revelado uma fé em outra "extensão" da personalidade que foi mais de caráter. Encontramos, é claro, como que em algo extremo o exemplo fornecido pela estória do envio de Elias e seu grupo em mudança de seu servo Geazi como sentido de restaurar o filho da Sunamita.

Elias critica Geazi contra o acordo (que é o envio da bênção) como que ele pode encontrar; para levar, Geazi pode trazer o poder à personalidade a Elias, e então ele foi preservado do seu **limitado** poder e não tem o risco de perdê-lo (e a perda junta, por distribuir seu pensamento entre os quais não foram tentados (95). Então, é claro como que excepcional; mas porque Elias foi uma pessoa altamente poderosa. Há todas as razoes, então, ao citar esta ilustração para o papel jogado pela Arca, por exemplo, como a "*extensão*" posterior do poder de YHWH em sua personalidade extraordinária. Assim antes de

ser levada à batalha, a Arca foi trazida para uma amostra pessoal com que (96):

Nm. 10.35

> 35. Era, pois, que, partindo a arca, Moisés dizia: Levanta-te, SENHOR, e dissipados sejam os teus inimigos, e fujam diante de ti os aborrecedores.

Similarmente, em seu retorno, foi aclamada com gritos: “*Retorna YHWH, nas dez mil famílias de Israel!”.*

Depois, lemos que, quando os Israelitas foram a Siló com a Arca após a derrota para os Filisteus em Afek, e (97):

I Sam 4.5-8:

> 4. Enviou, pois, o povo a Silo, e trouxeram de lá a arca do concerto do SENHOR dos Exércitos, que habita entre os querubins; e os dois filhos de Eli, Hofni e Finéias, estavam ali com a arca do concerto de Deus.
>
> 5. E sucedeu que, vindo a arca do concerto do SENHOR ao arraial, todo o Israel jubilou com grande júbilo, até que a terra estremeceu.
>
> 6. E os Filisteus, ouvindo a voz do júbilo, disseram: Que voz de tão grande júbilo é esta no arraial dos hebreus? Então, souberam que a arca do SENHOR era vinda ao arraial.
>
> 7. Pelo que is filisteus se atemorizaram, porque diziam: Deus veio ao arraial. E diziam mais: Ai de nós! Que tal nunca sucedeu antes.
>
> 8. Ai de nós! Quem nos livrará da mão destes grandiosos deuses? Estes são os deuses que feriram os egípcios com todas as pragas junto ao deserto.

Aqui a Arca é de novo identificada com YHWH se a referência é para "*Deus*" ou "*deuses*" (este é o ponto que retornaremos). Mais, com a captura da Arca na ocasião em discussão, a potência é obvia a "*Extensão*" da personalidade de YHWH aparece claramente sempre na estória desta (sua) aventura na terra da Filístia, e em Ecrom por exemplo (98), e pode ser ilustrada após a referência do incidente em Beth Shemesh em seu retorno a jornada ao território Israelita, quando ela provocou a gritaria (99):

I Sm. 6.20:

> Então disseram os homens de Bete-Semes: Quem poderia estar em pé perante o SENHOR, este Deus santo? E a que subirá desde nós?

Nossa discussão deste ponto, como que, pode melhor é formado por reverter ao relato das instruções dadas aos Filisteus e seus sacerdotes e a adivinhadores para sair da ameaça, e oferecer um claro exemplo de que é assim a ambigüidade da referência como entre a Arca e YHWH, isto é (100):

I Sm. 6.7-9:

> 7. Agora, pois, tomai, e fazei-vos um carro novo, e tomai duas vacas que criem, sobre as quais não tenha subido o jogo, e atai as vacas ao carro, e levai is seus bezerros de após elas para casa.
>
> 8. Então, tomai a arca do SENHOR, e ponde-a sobre o carro, e metei num cofre, ao seu Aldo, as figuras de ouro que lhe haveis de oferece em expiação da culpa; e assim a enviareis, para que se vá.

> 9. Vede então: se subir pelo caminho do seu termo a Bete-Semes, foi ele que nos fez este grande mal; e, se não, saberemos que não nos tocou a sua mão, e que isso nos sucedeu por acaso.

Na seqüência, é claro, o camelo (ao contrário ao instinto e sempre relutante) é compelido a viajar após e depois seus bezerros, assim revelando o poder inerente a Arca, que é de novo virtualmente indistinguível de YHWH (101); assim que na última sentença, por exemplo, pode igualmente mostrar em Hebraico por:

> "Se ela vem pelo caminho de sua própria margem"
> como por
> "Se ela vem desta própria margem".

Portanto, a referência territorial faz antes a mais provável. Em considerando a concepção Israelita do homem, como que, encontramos que (caminho na linha como a mostra da totalidade que é característica do pensar Israelita) uma personalidade do homem foi pensar como entender *"a casa da família*", e que, então, a concepção do individual pode não ser denunciado de seu grupo de parentes (concebido nos círculos de relações) – como um resultado oscilando no pensar como entre o individuo, o grupo de parentes concebido como uma associação de indivíduos, e o grupo de parentes pensando de uma amostra vivida de uma simples unidade ou personalidade corporativa.

Agora nosso estudo da concepção do homem e que Deus tem assim se revelado como paralelo entre os dois, notavelmente no caráter completo da "*Extensão*" da personalidade, que um parece dirigir para a resposta da questão (que, então, tem surgido em conexão com a nossa discussão de *ruah* ou Espírito de YHWH) como que se pode não tomar em consideração do Deus principal, e ser preparado a reconhecer possíveis traços que são reais a "*Extensão*" da personalidade que

abrange a unidade social – concebida como uma associação de que pode chamar indivíduos ou personalidade corporativa.

## PARTE III. A CONCEPÇÃO ISRAELITA DE DEUS NO ANTIGO ISRAEL (II).

Parece ser não dito o fato que uma vez em Israel (e então na Colônia Judaica em Elefantina assim depois no V século a.C. (102) YHWH foi adorado um membro, então de Panteão. Podemos citar, como exemplo, as várias referências a bene haelohim – filhos de Deus ou bene elim em que o uso do termo bem é como *bene hanebiim* filhos dos profetas e simplesmente denotado o grupo de parentes (103). Assim o Código de J preserva uma lenda de casamentos entre os filhos de Deus ou ("filhos de deuses: *beney haelohim*) e filhos dos homens bene haadam (104), e o prólogo do livro de Jó nos dá uma figura (não como na visão de Micaías) da Corte Celestial ou Assembléia Divina, e que os "*filhos de Deus"* ou os "*filhos dos deuses*" ou, simplesmente, "deuses" é dito a apresentar-lhes perante YHWH (105). É contra tal fundamento que pode ver Semyelim referido no Salmo (106):

Salmo 29.1-2

> 1. Daí ao SENHOR, ó filhos dos poderosos, daí ao SENHOR glória e força.
>
> 2. Daí ao SENHOR a glória devido ao seu nome; adorai o SENHOR na beleza da sua santidade.

Salmo 89. 7-8

> 7. Deus deve ser em extremo tremendo na assembléia dos santos e grandemente reverenciado por todos os que o cercam.
>
> 8. Ó SENHOR, Deus dos Exércitos, quem é forte como tu, SENHOR, com a tua fidelidade ao redor de ti?

Nas circunstâncias não é surpresa que a dificuldade pode ser algo ocasionado para nós a ambigüidade inerente no uso do plural da forma de Elohim (107). Temos noticiado na forma de tal aparência da ambigüidade, isto é, no relato da entrada da Arca no campo dos Israelitas durante sua luta com os Filisteus (108). Outro exemplo é reforçado no Salmo 58 (109):

Salmo 58. 11-12

> 10. O justo se alegrará quando vir a vingança; lavará os seus pés no sangue do ímpio.
>
> 11. Então, dirá o homem: Deveras há uma recompensa para o justo; deveras há um Deus que julga na terra.

Esta tradução segue a forma da Versão Revisada, mas, um assunto de fato, o Hebraico da última linha á (para nós) ambígua, pode igualmente ser lembrada:

> "Assim que o homem poder dizer, realmente há recompensa para o justo: os deuses realmente que julgam a terra".

As ambigüidades da referência no caso deste termo aparecem de novo na polêmica na Escola Dt contra a adoração de "*outros deuses*" elohim harim que YHWH, este é, no fundamento seguinte, onde a expressão eloheihem pode ter (para nós) um significado plural, em que refere a estes "*outros deuses*" que adoram é condenado antes da passagem (110):

Dt. 7.16

Pois consumirás todos os povos que te der o SENHOR, teu Deus; o teu olho não os poupará; e não servirás a seus deuses, pois isto te seria por laço.

Ex. 23.33

Na tua terra não habitarão, para que não te façam pecar contra mim; se servires aos seus deuses, certamente será um laço para ti.

A oscilação como entre o plural e o singular que ocorre aqui, por tudo que é obscurecido pela tradução como que nas Antigas Versões, é completo na linha com que observamos no relato da entrada da Arca no campo Israelita; e que a passagem é então somada no sentido parece confirmado pela tendência similar a oscilação dada sempre pelo código Dtr está em referência ao homem (111).

Neste estágio é apropriado para dar atenção do plural Arcádico Ilani, como Elohim, aparece ser capaz na referência do singular. Isto parece ser o caso, com o exemplo, em Tell El Amarna em Cartas, onde (após ser construídas ao menos com o verbo singular) (112) freqüentemente aparece na forma Ilani-ia como modo de endereço a Faraó (113):

"Ao rei, meu sol, meu deus (Ilani-ia), meus deuses (Ilani-ia), assim (diz) Abimilki tem serva".

Em tal contexto Ilani certamente parece ter sido singular implicação (114).

Após, o termo Elohim e Ilani, após sua ambigüidade de referência, tem uma real conotação. Assim depois pode ser usado por espírito dos mortos, como na estória da consulta de Saul a Samuel pela agência da adivinha de En-dor, onde é usado com uma singular

referência (115); de novo na polêmica de Isaías contra as necromantes, onde (aparentemente em citação do argumento de seus oponentes) ele parece usar o termo com referência ao plural, isto é, (116):

I Sm. 8.19

Porém o povo não quis ouvir a voz de Samuel; e disseram: Não, mas haverá sobre nós um rei.

Similarmente o termo Ilani é usado com referência completa; e não só o próprio "*deus*" (com seu tradicional forte marcado), mas também os demônios vaguearam; e aqui podemos citar (de uma série de textos, mágicas bilíngües com o nome em UTUKKI LIMNUTI; isto é, o Espírito do Mal) na encantação dirigida contra Sibit Ilani, isto é, o sétimo (117):

*"Destrutivos vermes e o mal vivia sobre eles, o mal estava com eles como vermes, e o mal os destruirá. Eles têm filhos fortes e crianças. Guardas da pestilência eles são. Eles estão no trono de Ninkigal. Eles sanguinários na terra. Sete deuses nos céus, sete deuses na terra, sete deuses ladrões eles são, sete deuses de poder, sete deuses do mal, sete deuses do demônio do mal, sete deuses do demônio da opressão, sete nos céus e sete na terra".*

Os termos sete em tal contexto parece ser usados vagamente com referência ao imensurável altíssimo, e não pode comparar o nome "*legião*" de espírito imundo do qual lemos na estória da cura do demoníaco dos gesasenos por Jesus. Então esta estória é de interesse na presente conexão, para isto revela que na última parte do século da Era Cristã que teus demônios tem a vaga e imediata forma de relação com oscilação resultante entre o Um e os muitos. Assim lemos (118):

Mc. 5.6

E, quando viu Jesus ao longe, correu e adorou-o.

Mc. 1.23-24

23. Estava na sinagoga deles um homem com um espírito imundo, o qual exclamou dizendo:

24. Ah! Que temos contigo, Jesus Nazareno? Vieste destruir-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus.

Como é necessário. É então interessante encontrar a oscilação similar na concepção de Sibit Ilani, quando, como realmente atual ter tentado as estátuas da deidade do primeiro panteão (119). Um claro exemplo é para ser encontrado na lembrança de como tratado efetivo no século VII a.C. entre Baal de Tiro e Esarhaddon da Assíria, em que várias deidades da Assíria e Fenícia são invocadas na ratificação do acordo (120). A linha que segue depois é (121):

(ilu) si – bit – te Ilani Kar – du – te Ina
(isu) Kakke – su – un (?) – Ku – Un lish kim.

Para reproduzir o efeito da oscilação em discussão pode ser dada:

"Para sibit, o poder de deus(es), pode trazer sobre (sob) si com suas armas."

A fluidez de referência entre uno e o muito no caso deste (este) Ilani é obvio.

Como que é o ponto de interesse neste tablete para a qual atenção pode ser dada, na última leitura (122):

Apocalipse 2.8:

> E ao anjo da igreja que está em Esmirna escreve: Isto diz o Primeiro e o Último, que foi morto e reviveu:

Aqui, no fato que Baal sememe (Baal dos Céus), o Baal malage (Baal dos reis – ou Mensageiros, Anjos) (123), e Baal sapunu (Baal Safon) pode ser construído com o singular ou o plural, podemos evidenciar de que podemos chamar o Baal triuno (124) – uma deidade que é três em um ou um em três. O panteão Babilônico pode chamar (125), pode pensar de um Hebraico como um grupo de parentesco formando uma simples nefesh ou personalidade corporativa.

Tudo em tudo, então, pode parecer que, encontrados uma oscilação como entre Um e Muitos na concepção Israelita, que é preparado para intérprete nesta luz. Podemos tomar a evidência para um Panteão no pensamento do antigo Israel; e este ponto pode ser concluído para simplificar, referi tal passagem como (126):

Gênesis 3.22:

> E Zilá também teve a Tubalcaim, mestre de toda obra de cobre e de fero; e a irmã de Tubalcaim foi Naamá.

11.5:

> Então, desceu o SENHOR para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam;

Isaías 6.8:

> E a justiça será o cinto dos seus lombos, e a verdade, o cinto dos seus rins.

Nas circunstâncias da não fluidade de referência parece melhor explicar em termos de que a oscilação como entre de <u>Uno</u> e de <u>muito</u> que tem sido característico da concepção Israelita do homem e também

presente na ocasião em diz, a concepção Assíria da deidade? (127). Em resumo, pode não sugerir com esse degrau de probabilidade que qualquer israelita pensa seu Elohim pode ser muito, também pensa seu Elohim como um?

Como que, pode não levar o assunto aqui, como fatos de pessoas Israelitas concernentes do Deus chefe par elucidação nestas linhas. De feito serve para reforçar que tem sido dito concernente esta oscilação como entre Um e muito na concepção Israelita de Deus. O fator em questão é a concepção para o Anjo ou Mensageiro (maleach de YHWH (128), que tem duplo significado, conforme este agente, que indivíduo, pertence a classe ou Elohim ou a classe de Adam.

A figura aparente humana com que Jacó é dito ter lutado como ele no Jaboque (isto é, Peniel) é depois reconhecido por ele como (um) Elohim (129) e Oséias ao referir a este incidente, diz de Jacó (129):

Oséias 12.4

> Como príncipe, lutou com o anjo, e prevaleceu; chorou e lhe suplicou; em Betel o achou, e ali falou conosco;

Agora é comumente lembrado como fator da concepção de maleach YHWH (e então, um comentário especial) que é realmente indistinguível do próprio YHWH (131); mas a razão para isto não é clara. Outro aspecto então, da oscilação como entre o individual e a unidade corporativa dentro da concepção de Deus que temos estudado. E tem seu paralelo no fato que na concepção do homem o humano maleach ou mensageiro pode ser similar indistinguível do humano adore ou Senhor (132). Em ilustração deste ponto será suficiente para citar várias passagens, parcial oferta da citação que é, aliás, longas narrativas, mas da fraseologia viva, no todo, para falar de si mesma.

Gênesis 16.7-14 (J) ou 7-10 e 13 a.

> 7. E o anjo do SENHOR a achou junto a uma fonte de água no deserto, junto à fonte no caminho de Sur.
>
> 8. E disse: Agar, serva de Sarai, de onde vens e para onde vais? E ela disse: Venho fugida da face de Sarai, minha senhora.
>
> 9. Então, lhe disse o Anjo do SENHOR: Torna-te para tua senhora e humilha-te debaixo de suas mãos.
>
> 10. Disse-lhe mais o Anjo do SENHOR: Multiplicarei sobremaneira a tua semente, que não será contada, por numerosa que será.
>
> 11. Disse-lhe também o Anjo do SENHOR: Eis que concebeste, e terás um filho, e chamarás o seu nome Ismael, porquanto o SENHOR ouviu a tua aflição.
>
> 12. E ele será homem bravo; e a sua mão será contra todos, e a mão de todos, contra ele; e habitará diante da face de todos os seus irmãos.
>
> 13. E ela chamou o nome do SENHOR, que com ela falava: Tu és Deus da vista, porque disse: Não olhei eu também para aquele que me vê?
>
> 14. Por isso, se chama aquele poço de Laai-Roi; eis que está entre Cades e Berede.

Aqui temos uma oscilação entre YHWH e, aparentemente, o singular maleach ou mensageiro que é virtualmente distinto dele.

Jz. 6.11-24 ou 11-13 a e 14:

> 11. Então, o Anjo do SENHOR veio e assentou-se debaixo do carvalho que está em Ofra, que pertencia a

Joás, abiezrita; Gideão, seu filho, estava malhando o trigo no lagar, para o salvar dos midianitas.

12. Então, o Anjo do SENHOR lhe apareceu e lhe disse: O SENHOR é contigo, varão valoroso.

13 Mas Gideão lhe respondeu: Ai, senhor meu, se o SENHOR é conosco, por que tudo isto nos sobreveio? E que é feito de todas as suas maravilhas que nossos pais nos contaram, dizendo: Não nos fez o SENHOR subir do Egito? Porém, agora, o SENHOR nos desamparou e nos deu na mão dos midianitas.

14. Então, o SENHOR olhou para ele e disse: Vai nesta tua força e livrarás a Israel da mão dos midianitas; porventura, não te enviei eu?

15. E ele lhe disse: Ai, Senhor meu, com que livrarei a Israel? Eis que a minha família é a mais pobre em Manassés, e eu, o menor na casa de meu pai.

16. E o SENHOR lhe disse: Porquanto eu hei de ser contigo, tu ferirás os midianitas como se fosse um só homem.

17. E ele lhe disse: Se agora tenho achado graça aos teus olhos, dá-me um sinal de que és o que comigo falas.

18. Rogo-te que daqui te não apartes, até que eu venha a ti, e traga 7o meu presente, e o ponha perante ti. E disse: Eu esperarei até que voltes.

19. E entrou Gideão se preparou um cabrito e bolos asmos de um efa de farinha; a carne pôs num açafate e o caldo pôs numa panela; e trouxe-lho até debaixo do carvalho e lho apresentou.

20. Porém o Anjo de Deus lhe disse: Toma a carne e os bolos asmos, e põe-nos sobre esta penha, e verte o caldo. E assim o fez.

21. E o Anjo do SENHOR estendeu a ponta do cajado que estava na sua mão e tocou a carne e os bolos asmos; então, subiu fogo da penha e consumiu a carne e os bolos asmos; e o Anjo do SENHOR desapareceu de seus olhos.

22. Então, viu Gideão que era o Anjo do SENHOR; e disse Gideão: Ah! Senhor JEOVÁ, que eu vi o Anjo do SENHOR face a face.

23. Porém o SENHOR lhe disse: Paz seja contigo; não temas, não morrerás.

24. Então, Gideão edificou ali um altar ao SENHOR e lhe chamou SENHOR é Paz; e ainda até ao dia de hoje está em Ofra dos abiezritas.

A seqüência mostra que é ainda o "*Anjo*" de YHWH falando com Gideão. Assim que uma vez mais temos evidenciado do fato que o "*Anjo*" ou "*Mensageiro*" da classe Elohim é indistinto Dele. Como é visto, isto em seu próprio saber, mas temos agora na posição a ver que é total na linha de pensar Israelita. Precisa ser o assunto para surpresa que o "*Anjo*", como assim indistinto de YHWH, pode ser pensado e termos de um e muitos. Ao menos, o reconhecimento de tal ponto parece oferecer uma solução de dificuldades comuns na leitura, diz:

Gênesis 18.1 a (J) ou 18. 1.5 e 9-10 a.

1. Depois, apareceu-lhe o SENHOR nos carvalhais de Manre, estando ele assentado à porta da tenda, 43quando tinha aquecido o dia.

2. E levantou os olhos e olhou, e eis três varões estavam em pé junto a ele. E, vendo-os, correu da porta da tenda ao seu encontro, e inclinou-se à terra,

3. E disse: Meu Senhor, se agora tenho achado graça aos teus olhos, rogo-te que não passes de teu servo.

4. Traga-se, agora, um pouco de água; e lavai os vossos pés e recostai-vos debaixo desta árvore;

5. E trarei um bocado de pão, para que esforceis o vosso coração; depois, passareis adiante, porquanto por isso chegastes até vosso servo. E disseram: Assim, faze como tens dito.

9. E disseram-lhe: Onde está Sara, tua mulher? E ele disse: Ei-la, aí está na tenda.

10. E disse: Certamente tornarei a ti por este tempo da vida; e eis que Sara, tua mulher, terá um filho.

Aqui temos uma oscilação como entre YHWH e as últimas duas, talvez três, Anjos ou Mensageiros: para na seqüência dos visitantes de Abraão como tal (133), e depois, há uma oscilação entre o singular e o plural em suas formas de referências, assim que não é claro se o singular é singular de individualização ou que uma unidade coletiva. Nos anos recentes a tentativa tem sido feito para explicar esta confusão aparente ou em termos de uma fusão de fontes ou em termos de uma expansão editorial (imperfeitamente levados através) que é pensado no ponto da formação da transcendência na concepção de Deus (134).

Mas temos então a ocasião de notar o efeito de julgar impor nas Escrituras Hebraicas que pensa emana coerência lógica (135): é então possível que o mesmo ponto de vista, envolvendo o Um e o Muitos na concepção do Anjo de YHWH, encontra a expressão nas palavras do Salmista, quando ele diz (136):

Salmo 34.8:

8 Provai e vede que o SENHOR é bom; bem-aventurado o homem que nele confia.

É que pode o salmista, ao referir assim maleach YHWH, tem em mente um individual como comando das forças celestiais. Mas na luz do pensar de Israel como um todo poder ser dúvida. Pode comparar (na conjunção com o uso freqüente isso de שי ish Israel no sentido corporativo) (137).

Gênesis 32.2-3

> 2. E Jacó disse, quando os viu: Este é o exército de Deus. E chamou o nome daquele lugar Maanaim.
>
> 3 E enviou Jacó mensageiros diante da sua face a Esaú, seu irmão, à terra de Seir, território de Edom.

Contra tal fundamento parece que, quando o Salmista fala do Anjo de YHWH como encapar em volta de que o temor Dele, ele tem em mente uma unidade coletiva ou personalidade corporativa; e que a referência não é que talvez pode chamar mero individual, ou que dois outros, mas o Altíssimo.

Observamos antes que, como, a concepção do Anjo ou Mensageiro maleach de YHWH tem que pode chamar um duplo significado conforme como o agente em questão pertence ao que pode descrever como ordem celestial ou terrestre; e algo da aparente confusão que resulta disto ao ver na estória do nascimento de Sansão:

Jz. 8.25

> 25. E disseram eles: De boa mente os daremos. E estenderam uma capa, e cada um deles deitou ali um pendente do seu despojo.

6.8

8. Enviou o SENHOR um profeta aos filhos de Israel, que lhes disse: Assim diz o SENHOR, Deus de Israel: Do Egito eu vos fiz subir e vos tirei da casa da servidão;

20.22

22 Porém esforçou-se o povo dos homens de Israel, e tornaram a ordenar a peleja no lugar onde no primeiro dia a tinham ordenado.

Assim na narrativa dos visitantes é evidentemente pensado não mais do que “*um homem de Deus”* (outro que sabe do profeta) (138) de um modo especial. É só a seqüência que mostra ou até sido a ordem celestial ou terrestre:

I Rs 8

1. Então, congregou Salomão os anciãos de Israel e todos os cabeças das tribos, os príncipes dos pais, dentre os filhos de Israel, diante de si em Jerusalém, para fazerem subir a arca do concerto do SENHOR da Cidade de Davi, que é Sião.

2. E todos os homens de Israel se juntaram, na festa, ao rei Salomão, no mês de etanim, que é o sétimo mês.

3. E vieram todos os anciãos de Israel, e os sacerdotes alçaram a arca.

4. E trouxeram a arca do SENHOR para cima e o tabernáculo da congregação, juntamente com todos os utensílios sagrados que havia no tabernáculo; assim os trouxeram para cima os sacerdotes e os levitas.

5. E o rei Salomão e toda a congregação de Israel que se congregara a ele estavam todos diante da arca, sacrificando ovelhas e vacas, que se não podiam contar, nem numerar pela multidão.

6. Assim trouxeram os sacerdotes a arca do concerto do SENHOR ao seu lugar, ao oráculo da casa, ao Lugar Santíssimo, até debaixo das asas dos querubins.

7. Porque os querubins estendiam ambas as asas sobre o lugar da arca e cobriam a arca e os seus varais por cima.

8. E os varais sobressaíram tanto, que as pontas dos varais se viam desde o santuário diante do oráculo; porém de fora não se viam; e ficaram ali até ao dia de hoje.

9. Na arca, nada havia, senão só as duas tábuas de pedra que Moisés ali pusera junto a Horebe, quando o SENHOR fez aliança com os filhos de Israel, saindo eles da terra do Egito.

10. E sucedeu que, saindo os sacerdotes do santuário, uma nuvem encheu ia Casa do SENHOR.

11. E não podiam ter-se em pé os sacerdotes para ministrar, por causa da nuvem, porque a glória do SENHOR enchera a Casa do SENHOR. Salomão fala ao povo.

12. Então, disse Salomão: O SENHOR disse que habitaria nas trevas.

13. Certamente, te edifiquei uma casa para morada, assento para a tua eterna habitação.

14. Então, virou o rei o rosto e abençoou toda a congregação de Israel; e toda a congregação de Israel estava em pé.

15. E disse: Bendito seja o SENHOR, o Deus de Israel, que falou pela sua boca a Davi, meu pai, e pela sua mão o cumpriu, dizendo:

16. Desde o dia em que eu tirei o meu povo de Israel do Egito, não escolhi cidade alguma de todas as tribos

de Israel para edificar alguma casa, para ali estabelecer o meu nome; porém escolhi a Davi, para que governasse sobre o meu povo de Israel.

17. Também Davi, meu pai, propusera em seu coração o edificar casa ao nome do SENHOR, o Deus de Israel.

18. Porém o SENHOR disse ra Davi, meu pai: Porquanto propuseste no teu coração o edificar casa ao meu nome, bem fizeste em o propor no teu coração.

19. Todavia, tu não edificarás esta casa, porém teu filho, que descender de ti, edificará esta casa ao meu nome.

20. Assim confirmou o SENHOR a sua palavra que tinha dito; por que me levantei em lugar de Davi, meu pai, e me assentei no trono de Israel, como tem dito o SENHOR; e edifiquei uma casa ao nome do SENHOR, o Deus de Israel.

21. E constituí ali lugar para a arca em que está o concerto que o SENHOR fez com nossos pais, quando os tirou da terra do Egito. Salomão ora a Deus.

22. E pôs-se Salomão diante do altar do SENHOR, em frente de toda a congregação de Israel, e estendeu as mãos para os céus,

23. E disse: Ó SENHOR, Deus de Israel, não há Deus como tu, em cima nos céus nem embaixo na terra, que guardas o concerto e a beneficência a teus servos que andam de todo o seu coração diante de ti;

24. Que cumpriste com teu servo Davi, meu pai, o que lhe disseras; por que, com a tua boca, o disseste e, com a tua mão, o cumpriste, como neste dia se vê.

25. Agora, pois, ó SENHOR, Deus de Israel, faze a teu servo Davi, meu pai, o que lhe falaste, dizendo: Não te

faltará sucessor diante de mim, que se assente no trono de Israel; somente que teus filhos guardem o seu caminho, para andarem diante de mim como tu andaste diante de mim.

26. Agora, também, ó Deus de Israel, cumpra-se a tua palavra que disseste a teu servo Davi, meu pai.

27. Mas, na verdade, habitaria Deus na terra? Eis que os céus e até o céu dos céus te não poderiam conter, quanto menos esta casa que eu tenho edificado.

28. Volve-te, pois, para a oração de teu servo e para a sua súplica, ó SENHOR, meu Deus, para ouvires o clamor e a oração que o teu servo, hoje, faz diante de ti.

29. Para que os teus olhos, noite e dia, estejam abertos sobre esta casa, sobre este lugar, do qual disseste: O meu nome estará dali; para ouvires a oração que o teu servo fizer neste lugar.

30. Ouve, pois, a súplica do teu servo e do teu povo de Israel, quando orarem neste lugar; também ouve tu, no lugar da tua habitação nos céus; ouve também e perdoa.

31. Quando alguém pecar contra o seu próximo, e puserem sobre ele juramento, para o ajuramentarem, e vier o juramento diante do teu altar, nesta casa,

32. Ouve tu, então, nos céus, e age, e julga os teus servos, condenando ao injusto, fazendo recair o seu proceder sobre a sua cabeça, e justificando ao justo, e fazendo-lhe segundo a sua justiça.

33. Quando o teu povo de Israel for ferido diante do inimigo, por ter pecado contra ti, e se converterem a ti, e confessarem o teu nome, e orarem, e suplicarem a ti nesta casa,

34. Ouve tu, então, nos céus, e perdoa o pecado do teu povo de Israel, e torna a levá-lo à terra que tens dado a seus pais.

35. Quando os céus se cerrarem, e não houver chuva, por terem pecado contra ti, e orarem neste lugar, e confessarem o teu nome, e se converterem dos seus pecados, havendo-os tu afligido,

36. Ouve tu, então, nos céus, e perdoa o pecado de teus servos e do teu povo de Israel, ensinando-lhes o bom caminho em que andem, e dá chuva na terra que deste ao teu povo em herança.

37. Quando houver fome na terra, quando houver peste, quando houver queima de searas, ferrugem, gafanhotos e pulgão, quando o seu inimigo o cercar na terra das suas portas ou houver alguma praga ou doença,

38. Toda oração, toda súplica que qualquer homem de todo o teu povo de Israel fizer, conhecendo cada um a chaga do seu coração e estendendo as mãos para esta casa,

39. Ouve tu, então, nos céus, assento da tua habitação, e perdoa, e faze, e dá a cada um conforme todos os seus caminhos e segundo vires o seu coração, porque só tu conheces mo coração de todos os filhos dos homens.

40. Para que te temam todos os dias que viverem na terra que deste os nossos pais.

41. E também ouve ao estrangeiro que não for do teu povo Israel, porém vier de terras remotas, por amor do teu nome.

42. (porque ouvirão do teu grande nome, e da tua forte mão, e do teu braço estendido), e vier orar a esta casa.

43. Ouve tu nos céus, assento da tua habitação, e faze conforme tudo o que o estrangeiro a ti clamar, a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome, para te temerem como o teu povo de Israel e para saberem que o teu nome é invocado sobre esta casa que tenho edificado.

44. Quando o teu povo sair à guerra contra o seu inimigo, pelo caminho por que os enviares, e orarem ao SENHOR, para a banda desta cidade que tu elegeste e desta casa que edifiquei ao teu nome,

45. Ouve, então, nos céus a sua oração e a sua súplica e faze-lhes justiça.

46. Quando pecarem contra ti (pois não há homem que não peque), e tu te indignares contra eles, e os entregares nas mãos do inimigo, para que os que os cativarem os levem em cativeiro à terra do inimigo, quer longe ou perto esteja;

47. E, na terra onde foram levados ao cativeiro, tornaram em si, e se converterem, e na terra do seu cativeiro te suplicarem, dizendo: Pecamos, e perversamente agimos, e cometemos iniqüidade;

48. E, se converterem ra ti de todo o seu coração e de toda a sua alma, na terra de seus inimigos que os levaram em cativeiro, e orarem sa ti para a banda da terra que deste os seus pais, para esta cidade que elegeste e para esta casa que edifiquei ao teu nome;

49. Ouve, então, nos céus, assento da tua habitação, a sua oração e a sua súplica, e faze-lhes justiça,

50. E perdoa ao teu povo que houver pecado contra ti todas as suas prevaricações com que houverem prevaricado contra ti; e faze-lhes misericórdia perante aqueles que os têm cativos, para que deles tenham compaixão.

51. Porque eles são o teu povo e a tua herança que tiraste da terra do Egito, do meio do forno de ferro,

52. Para que teus olhos estejam abertos à súplica do teu servo e à súplica do teu povo de Israel, a fim de os ouvires em tudo quanto clamarem a ti.

53. Pois tu, para tua herança, os elegeste de todos os povos da terra, como tens dito pelo ministério de Moisés, teu servo, quando tiraste os nossos pais do Egito, Senhor JEOVÁ. Salomão abençoa ao povo

54. Sucedeu, pois, que, acabando Salomão de fazer ao SENHOR esta oração e esta súplica, estando de joelhos e com as mãos estendidas para os céus, se levantou de diante do altar do SENHOR,

55. E pôs-se em pé, e abençoou a toda a congregação de Israel em alta voz, dizendo:

56. Bendito seja o SENHOR, que deu repouso ao seu povo de Israel, segundo tudo o que disse; nem uma só palavra caiu de todas as suas boas palavras que falou pelo ministério de Moisés, seu servo.

57. O SENHOR, nosso Deus, seja conosco, como foi com nossos pais; não nos desampare e não anos deixe,

58. Inclinando a si o nosso coração, para andar em todos os seus caminhos e para guardar os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos que ordenou a nossos pais.

59. E que estas minhas palavras com que supliquei perante o SENHOR estejam perto, diante do SENHOR,

nosso Deus, de dia e de noite, para que execute o juízo do seu servo e o juízo do seu povo de Israel, a cada qual no seu dia,

60. Para que todos os povos da terra saibam que o SENHOR é Deus e que não há outro.

61. E seja co vosso coração perfeito para com o SENHOR, nosso Deus, para andardes nos seus estatutos e guardardes os seus mandamentos, como hoje.

62. E o rei de todo o Israel com ele sacrificou sacrifícios perante a face do SENHOR.

63. E ofereceu Salomão em sacrifício pacífico o que sacrificou ao SENHOR, vinte e duas mil vacas e cento e vinte mil ovelhas; assim o rei e todos os filhos de Israel consagraram a Casa do SENHOR.

64. No mesmo dia, santificou o rei o meio do átrio que estava diante da Casa do SENHOR; porquanto ali preparara os holocaustos e as ofertas com a gordura dos sacrifícios pacíficos; porque o altar de cobre que estava diante da face do SENHOR era muito pequeno para nele caberem os holocaustos, e as ofertas, e a gordura dos sacrifícios pacíficos.

65. No mesmo tempo, celebrou Salomão a festa, e todo o Israel, com ele, uma grande congregação, desde a entrada de Hamate até ao rio do Egito, perante a face do SENHOR, nosso Deus, por sete dias e mais sete dias, catorze dias.

66. E, no oitavo dia, despediu o povo, e eles abençoaram o rei; então, se foram às suas tendas, alegres e contentes de coração, por causa de todo o bem que o SENHOR fizera a Davi, seu servo, e a Israel, seu povo.

Conforme foi possível o próprio YHWH ou seu Anjo (indistinto de Deus ou um Deus) para ser tomado por <u>um homem de Deus ou profeta.</u> Assim chegamos ao ponto final, que pode ser tomado como conversa disto: isto é, que o profeta foi comumente pensado como <u>mensageiro</u> (<u>maleach)</u> de YHWH <u>por excelência</u>, pode o mesmo ser virtualmente indistinto dele em certas circunstâncias. O fundamento para a festa é fornecido por Jeremias em sua polêmica contra os profetas cúlticos de seu dia, para falar em nome de YHWH, ele diz (139):

Jr. 23.21

> 21. Não mandei aos profetas; todavia, eles foram correndo; não lhes falei a eles; todavia, eles profetizaram.

O verdadeiro profeta, então, foi o <u>mensageiro</u> de YHWH (140); ele foi um membro de seu Íntimo Conselho. Mais (se o argumento destas páginas como a concepção Israelita de personalidade humana e divina, é visto), o profeta, em função, foi muito mais que o <u>representante</u> de YHWH para ser o tempo da atividade <u>Extensiva</u> da personalidade YHWH, a pessoa (141). É claro, disto não é o agente humano de YHWH (assim para falar) desta classe. Foi para seguir este tratamento desta sua conclusão, temos sentido com tais figuras como do rei (142), o sacerdote (143) – ou de qualquer membro da sociedade como <u>servo</u> de Deus (144).

Para confirmar ponto na questão podemos retornar à forma de oscilação no cumprimento do profeta que sugere que a personalidade (que podemos chamar de lado humano) tem sido observada, foi no Deus principal; o profeta tem tornado temporariamente, ao mesmo, uma importante <u>extensão</u> da personalidade de YHWH. <u>Mutatis mutandis,</u> isto pode lembrar como a conversa de H. W. Robinson

fundamentou que “há um Deus principal como humano, aplicação da personalidade corporativa (145).

Este é o assunto de polaridade. E, foi, como na concepção de Deus do que do homem, temos dito neste contexto que é humano, como um Deus principal, aplicação da personalidade corporativa. De novo citamos dois ou três exemplos e vivos, para a maior parte, para falar a eles.

Nessa primeira ilustração é tomada de fora das obras dos profetas canônicos, sempre as passagens em questão é descrita a um como foi lembrado, talvez como a grandeza dos profetas (146). Esta passagem é de interesse particular, e não tem o único significado, para não ilustrar só a oscilação que é aqui na discussão, mas também combina com isto um exemplo de oscilação entre os mitos na concepção do homem. Há duas reproduções, com ênfase variando sobre dois tipos de oscilações.

Dt. 29.1-5

> 1. Estas são as palavras do concerto que o SENHOR ordenou a Moisés, na terra de Moabe, que fizesse com os filhos de Israel, além do concerto a que fizera com eles em Horebe.
>
> 2. E chamou Moisés a todo o Israel e disse-lhe: Tendes visto tudo quanto o SENHOR fez na terra do Egito, perante vossos olhos, a Faraó, e a todos os seus servos, e a toda a sua terra;
>
> 3. As grandes provas que os teus olhos têm visto, aqueles sinais e grandes maravilhas;
>
> 4 - Porém, não vos tem dado do SENHOR um coração para entender, nem olhos para ver, nem ouvidos para ouvir, até ao dia de hoje.

> 5. E quarenta anos vos fiz andar pelo deserto; não se envelheceram sobre vós as vossas vestes, nem se envelheceu no teu pé o teu sapato.

Tais oscilações entre o singular e o plural no caso de Israel é especialmente interessante na visão da forma igual da oscilação efetuada pelo discurso como passa da forma de como objetivo da 3.ª pessoa para um subjetivo na 1.ª pessoa no caso de YHWH, assim:

Dt. 18.15:

> 15. O SENHOR, teu Deus, te despertará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis;

Dt 24.10:

> 10. Quando emprestares alguma coisa ao teu próximo, não entrarás em sua casa para lhe tirar o penhor.

Oséias 12.1-4:

> 1. Efraim se apascenta de vento e segue o vento leste; todo o dia multiplica a mentira e a destruição, e fazem aliança com a Assíria, e o azeite se leva ao Egito.
> 2. O SENHOR também com Judá tem contenda e castigarão Jacó segundo os seus caminhos; segundo as suas obras, o recompensará.
> 3. No ventre, pegou do calcanhar de seu irmão e, pela sua força, como príncipe, se houve com Deus.
> 4. Como príncipe, lutou com o anjo e prevaleceu; chorou e lhe suplicou; em Betel o achou, e ali falou conosco.

A ilustração remanescente é tomada das obras dos próprios profetas canônicos.

Is. 22.15:

> 15. Assim diz o Senhor JEOVÁ dos Exércitos: Anda, vai ter com este tesoureiro, com Sebna, o mordomo, e dize-lhe:

15.9

> 9. Porquanto as águas de Dimom estão cheias de sangue, porque ainda acrescentarei mais a Dimom: leões contra aqueles que escaparem de Moabe e contra as relíquias da terra.

Estas passagens dão um exemplo de sua dificuldade desnecessária ocasionada pela ansiedade deixada da uma coerência mais lógica para tal atenção ter sido dada (147). A mudança de 3.ª pessoa para a 1.ª pessoa nos vv 17, 18 e 19 a, por exemplo encontra a leitura explicada pela linha indicada (148), que a oscilação no v. 19 pode marcar a transição do uso regular da 1.ª pessoa nas passagens lembradas (149).

Jr. 9.15

> 15. Portanto, assim diz o SENHOR dos Exércitos, Deus de Israel: Eis que darei de comer alosna a este povo e lhe darei a beber água de fel.

Aqui Jeremias obviamente começa em sua própria pessoa; mas os últimos o vêem como igual claramente falando "na pessoa de YHWH" – reforçando que tem dito o sentido de que a denuncia vem dos lábios dos profetas. "*Oráculo de YHWH*". Segundo sua sugestão que este modo freqüente pode ser rompida (no modo, diz, que ele interfere com a métrica ou rompe na mensagem) (150) pode receber com cautela. Para tal modo o uso não sistemático desta espécie pode ser governado pela

serenidade urgente de tornar claro a entender que as palavras não são determinadas (como podem aparecer) nos próprios profetas, mas do próprio YHWH. é YHWH quem está falando “em pessoa”.

Se este argumento deste breve resumo de estudo é soado, temos aqui o ponto de vista que as necessidades nascem na mente com a ajuda da solução de, não só problemas textuais ou literários, mas de problemas maiores que são associados com a tentativa de empregar tais termos como “*politeísmo*” e “*monoteísmo*” em conexão com o pensar Israelita, e também que é inerente à questão da psicologia profética ou de novo, que a revelação.

Pode também ser argüida esta linha do novo fundamento do N. T. como extensão do judaísmo monoteísta na direção do último trinitarismo. Isto é aparente na parte II, ou na discussão do mal-espírito; e depois mais claro na parte III. Nesta podemos ver como foi possível um cristianismo Judeu ao relacionar seu Messias em relação com o ser divino para reforçar a base do último (o grego) formulação metafísica da doutrina da Trindade (151). IV a conclusão, o um pode acrescentar o sentido que parece ter vindo a completar o círculo. Assim de novo podemos dizer que Heráclito como tem sido falado em termos Hebraico, mas de que em grego quando se diz:

> “Penso de forma diferente, não descobre as fronteiras da “alma”, assim é o profundo significado.”

NOTAS

1. Palestra originalmente lida no SOTS no Queens College, em Cambridge, em 19/07/1939.
2. Com o E. O. James e S. A Cook sobre a questão do monoteísmo, e a tendência psicológica.
3. P. Dhorme Emploi Metaphorique des nomes de parties du corp en hebreu en Acadieu, Paris, Gheutner, 1923.
4. J. Pedersen - Israel, I e II, London, 1926.
5. H. W. Robinson, Hebrew Psicology, I: The People and the Book, A. S. Peake, Oxford OUP, 1925, p. 35355.
6. Gen 2.7 (J)
7. Platão – Crátilo 400, Fedon 64.
8. V. D. Macchiro, From orpheus to Paul, 1930, p. 101-133.
9. L'Ame primitive, 1927, p. 142.
10. Etudes des Bakongo, 1920, p. 129.
11. J. Pedersen, p. 182 ss. 437 ss
12. Ma
13. M. ª Canney, Givers of life, 1923, p. 53
14. Gen 28.33 (JE).
15. J. Pedersen Israel, p. 245 ss
16. Canney op cit 74 ss.
17. Dt. 25.5s
18. II Sm 18.18; 14.27
19. Jó 18.17s

20. Gen 7.1-7 (J), 13 (P) e 36.6 (P)
21. Js 7.24 ss (JE)
22. Gen 44.45s
23. Gen 44.16s
24. Gen 44.10s
25. Jz. 11.12-13
26. Jz. 3.19
27. II Rs 4.29
28. II Rs 2.9ss
29. Jz 1.14; Js. 15.18
30. Js 7.24
31. W. R. Smith – The Religion of the Semites, 1927, p. 272
32. W. R. Smith – O. T., 1936 p. 115ss
33. H. R. Robinson – The Hebrew Conception or corporate Personality, For Press, 1976, p. 49
34. Veja a citação de J. Pedersen.
35. J. Hempel – Ethos de Altes Testaments B. ZAW, 67, 1938, p. 41ss
36. Nm. 21.4s (JE), 11.6 (JE)
37. Gen 23.8 (P), Is 3.9; Sl 124.7
38. II Rs 9.15
39. Is 66.3
40. Ver nota anterior.
41. Is 66.2
42. Singular não plural
43. Js 7.5 (JE)
44. II Sm 19.15
45. Is 5.10
46. II Sm 20.19
47. Nm 4.1-3 (JE)
48. A Kuenen – The Religion of Israel, 1882, p. 111
49. R. Smend – Uerber des Ich Psalus, Zaw 8, 1988, p. 49-147

50. Linhas 1-10; 31-36; The Tell el Amarna Tablets.
51. Pode ser colocado, o nome Irkata é anterior da cidade.
52. A tradução não é uniforme
53. Nm 20.14-21 (JE)
54. Dt 29.1-5
55. Das Deuteronomium, 1894.
56. Der Rahmen des Dt, 1894.
57. E. Koenig KAT 1917
58. A Guilhaume – Prophecy and divination, 1938, p. 54ss
59. Op. cit p. 57ss
60. Sl 81
61. The Cross of the Servant, 1926
62. Veja D. Hempel.
63. H. Diels – Os socráticos
64. Gen 1.26s (P)
65. Gen 2.4b ss (J)
66. Ex 33.12-23 (J)
67. Ex 34.6 (J); Sl 86,15.
68. II Sm 12.24; Os 3.1 e 11.1.
69. Am 6.8; Os 9.15 e Jr 12.8.
70. Ex 4.14 (J); II Sm 6.7
71. A Heschel – The Prophets
72. Ez 1.26s
73. II Rs 2.11s; 6.17
74. Ez 31.1-3
75. Gen 6.3 (J); Jr 17.5 e Sl 56.5
76. H. W. Robinson. The people and the book, p. 358ss
77. Jz 6.34
78. Jz 14.6-19; 15.14
79. I Sm 10.5; 5.13; 19.18.24
80. Is 11.2
81. Jz 6.34

82. Jz 14.6-19; 15.14

83. I Sm 10.10

84. H. W. Robinson – The Christian Experience p. 9

85. E Bevan. Symbolism 1938, p. 163

86. Veja J. Pedersen

87. O. Grether: Name and Worte gottes BZAW 64, 1934, p. 59ss

88. Op. Cit.

89. Is 55.10s

90. Op cit

91. H. W. Robinson, op cit p. 15ss

92. I SM 3.11 e Ez 12.21-38

93. O. Grether op. cit p. 15ss

94. Nm 6.22-27

95. Sl 20; Sl 54

96. Gen 4.26; 12.8 (J), Sf 3.9

97. Dt 12, 5.11-21

98. M. A. Canney p. 53ss

99. Nm 10.35 (JE)

100. I Sm 4.5-8

101. I Sm 5.10s

102. I Sm 5.20

103. I Sm 6.7-9

104. H. P. Smith I CC, 1899.

105. A. Cowley – Aramaic Papiri 1923, p. 18ss

106. J. Pedersen op cit p. 53 ss

107. Gen 6.1-4

108. Gen 1.6; 2.1

109. Sl 29.1-2; 89.7-8

110. Elohim e Illani

111. I Sm 4.5-8

112. Sl 58.11-12

113. Dt 7.16; Ex 23,33.

114.Dt 29.1-5

115.Tell El Amarna nº. 96, linhas 4-6

116.nº. 30, linhas 1-2

117.Ilani no singular

118.I Sm 28.13

119.I Sm 8.10

120.Cuneiformes texts, Tablets 5, col II, 65 – III, 26

121.Mc 5.6s; 1.23ss; Mt 23.37

122.H. C. Rawlinson, The conceptions Incriptions IV figura 1

123.Langdon – A Phoenicia treaty, Ra, 26, 1929, p. 189ss

124.Ap 2.5

125.Ap 2.8ss

126.E. Dhorme. Evolution Religieuse de Israel, 1, 1937, p. 327

127.Veja Is 46.2

128.Gen 3.22 (J), 11.5 (J), Is 6.8

129.Gen 1.26s

130.A Lods – L'ange de YHWH, BZAW 27, 1914 p. 263-278

131.Gen 32.23-32

132.Gen 12.4s

133.Jz 3.19

134.Jz 3.19

135.Gen 19.1-15

136.H. Gunkel – Gen 1910, p. 186

137.G. A. Smith – 1918, p. 73-78

138.Sl 34.8

139.Jz 20.11-20, II Sm 15.13

140.Gen 32.2-3

141.I Rs 18

142.Jr 23.21s

143.Ag 1.13

144.p. 4ss desta obra

145.The Labyrinth, s. H. Hook, 1935, p. 71-11

146.G. R. Gray – Sacrifice in the O. T., 1925, p. 21 a ss

147.H. W. Robinson – The Cross of the O. T., 1926

148.J. Hempel – BZAW 67, 1938, p. 41 ss

149.Thus saith YHWH – H. W. Robinson, Zaw 41, 1923, p. 10

150.Dt 18.15; 34.10; Os 12,14.

151.G. B. Gray I CC 1912

152.O. V. 16 é diferente

153.2.ª pessoa e 3.ª pessoa

154.Jer 23.30

155.H. W. Robinson op cit p. 75.